

As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón – marcos sociogeográficos, lugares e paisagem durante o Formativo Inicial, Lambayeque, Peru

Marcelo Fagundes*

Marcia M. Arcuri Suñer**

Bernardo Machado Gontijo***

Alessandra M. Carvalho Vasconcelos****

Flávia Brasil Baessa Bueno*****

Luís Fernando Rangel de Oliveira Mafra*****

* Docente da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH) e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGCH/UFVJM) e Geologia (PPGGEO/UFVJM). Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/CEGEO/UFVJM).

** Docente da Universidade Federal de Ouro Preto. Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MAE/USP).

*** Docente do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFMG).

**** Docente do Instituto de Ciência e Tecnologia. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

***** Bacharel em Museologia (UFOP). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MAE/USP).

***** Bacharel em Humanidades e graduando em História (UFVJM). Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/CEGEO/UFVJM).

Resumo A costa norte do Peru é uma das regiões responsáveis pelo surgimento da arquitetura monumental no continente sul-americano, destacando-se o remoto desenvolvimento sociocultural e econômico ainda no terceiro milênio da era pré-cristã. Além disso, muito precocemente, grupos que ocuparam essa região foram responsáveis por grandes obras de engenharia (como a irrigação por canais), possibilitando o crescimento vertiginoso de uma agricultura capaz de suportar grandes populações e, conseqüentemente, do aparecimento da complexidade tecnológica vinculada à produção têxtil, cerâmica e à metalurgia. Todo esse desenvolvimento está diretamente relacionado às cosmologias, que não apenas justificam, mas estruturam a vida nos Andes Centrais durante milênios. Esse trabalho tem como objetivo apresentar como surgem as estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón, no vale de Lambayeque, e como o estudo das características fisiográficas, associado aos conceitos de lugar e paisagem, tem cooperado para a compreensão do modo de vida dos vários grupos que ocuparam a área ao longo de 5 mil anos. Para tanto várias campanhas de campo foram realizadas no intuito de mapear, compreender o sistema de implantação e os vínculos cosmográficos destas estruturas arqueológicas, de acordo com o pensamento andino. Como resultado, observou-se que a implantação destas estruturas está vinculada aos marcos sociogeográficos regionais, contudo associados às formas comuns do pensamento e da organização social compartilhada por distintas sociedades que compõem os Andes.

Palavras-chave: marcos sociogeográficos, lugares e paisagem, Formativo Inicial, Cerro Ventarrón, Andes Centrais.

1. Introdução

A região de Lambayeque, costa norte do Peru, é uma das áreas com grande desenvolvimento sócio-político e cultural na América do Sul (FIG 1). Um dos seus marcadores culturais é o aparecimento remoto da arquitetura monumental, na localidade conhecida como Cerro Ventarrón, cerca de 3000 anos a.C. (Formativo Inicial). A partir das primeiras ocupações de Ventarrón surgiu, em Lambayeque, um processo de grande desenvolvimento tecnológico, sustentado pela inovação das técnicas agrícolas (com sistemas hidráulicos de irrigação), pela domesticação de cultivares (especialmente o algodão e o seu importante papel na pesca com rede), pela produção artesanal (têxtil, cerâmica e metalúrgica) e pela complexa iconografia que expressa a identidade lambayecana (Shimada 1994; Moseley 2001; Vega-Centeno 2004, 2017; Dillehay *et al.* 2007; Dillehay 2008; Lumbreras 2008; Arcuri 2012).

Todavia, apesar das intensas pesquisas acerca da origem da arquitetura monumental na costa andina, sabe-se muito

pouco sob quais circunstâncias ela realmente surge, ou seja, sobre as formas de organização e motivações que levaram à construção de templos e outras edificações de grande escala. Muito se deve ao fato de os estudos fixarem suas análises em uma perspectiva evolucionista, baseada no modelo ocidental de Estado centralizado (burocrático e coercitivo) que atrela complexidade exclusivamente aos processos de acúmulo de excedentes ou de urbanização, deixando de lado particularidades (locais e regionais) que impulsionaram a vida comunal a partir de concepções específicas de organização sociopolítica e desenvolvimento econômico (Vega-Centeno 2004, 2017; Canziani 2009; Arcuri 2012).

De qualquer forma, ao longo de cinco milênios esta região suportou uma imensa diversidade de ocupações humanas com notável desenvolvimento tecnológico-cultural, baseado em processos socioculturais relacionais, dinâmicos e plurais. Por sua vez, estes assentamentos foram responsáveis pelo estabelecimento de lugares, significados e ressignificados por diferentes culturas de diversas maneiras, mas de acordo com ontologias gerais que compõem a

cosmografia do mundo Andino (Moore 2004; Golte 2009; Swenson 2015; Depaz Toledo 2015; Arcuri 2019).

Neste artigo postula-se que a ação que inaugura a ocupação desta área (bem como a causa por sua reocupação) foi realizada tanto por motivações ecológicas quanto culturais. Logo, embora de difícil interpretação arqueológica, o entendimento das ontologias e axiologias andinas deve ser priorizado nas pesquisas que têm como objetivo as relações dos humanos em seus ambientes, uma vez que as decisões de ocupar um lugar estão para além de questões funcionais, pesando muitos fatores e filtros de matriz simbólico-ideológica que estruturam a cosmovisão.

Como apontado por Depaz Toledo (2015), as características geográficas dos Andes, definidas em seu eixo Sul-Norte, estabeleceram uma diversidade topográfica, climática e biológica única no Globo, fato que favoreceu aos povos originários a possibilidade de perceber essas variantes em uma relação muito particular de espaço-tempo. O resultado foi a capacidade de exploração desta diversidade de recursos disposta nos diferentes pisos ecológicos (Murra 1975, Golte 1987), propiciando uma notável sensibilidade acerca da organização de suas paisagens, em que o contraste é posto entre aspas, uma vez que as polarizações e mudanças também são entendidas a partir das dualidades complementárias e assimetrias (*Hanan* e *Hurin*), responsáveis pelo ordenamento da diversidade, manutenção da coerência, equilíbrio do *cosmos* e manutenção da vida (*Tinku*). Neste pensamento as diferenças e assimetrias – no espaço, tempo e seres – estão em constante inter-relação, negociação, intercâmbio e reciprocidade, ambos operados pelos rituais, responsáveis pelo alinhamento e estabilização entre os diferentes mundos, ou planos (*Pachas*) (Makowski 2006; Golte 2009; Arcuri 2009, López Austin 2013).

Tendo em vistas as distintas observações etnográficas e dados arqueológicos obtidos ao longo dos anos, sabe-se que as inter-relações dessas sociedades estão tão intrínsecas ao *cosmos*, que não há uma distinção clara entre o que é motivação social-econômica ou simbólico-ideológica. Assim, o estabelecimento de lugares é compreendido como um fluxo contínuo dentro das escolhas estabelecidas ao longo dos processos históricos e da ritualidade vinculada à ancestralidade e ao alinhamento-ordenamento cósmico. Os lugares são sítios de negociação, permeabilidade, dinamismo e fluidez, marcados e organizados pelos ciclos comuns ao pensamento andino (Gose 1993; Viveiros de Castro 2002; Arcuri 2012; Depaz Toledo 2015).

Em síntese, a costa norte do Peru é um local onde houve o desenvolvimento de sociedades associadas aos processos de domesticação dos cultivos por meio de obras de irrigação, bem como da arquitetura monumental, ambas que permitiram o surgimento da complexidade social, além da presença de grande desenvolvimento tecnológico vinculado ao artesanato, à metalurgia e à produção têxtil (Alva Meneses 2008; Arcuri 2012; Fux 2015).

Esse avanço está associado diretamente às características fisiográficas, para além das possibilidades do estabelecimento físico, mas, principalmente, relacionadas às cosmologias. Há um peso importante de como os atributos geográficos, em termos práticos, possibilitam o ato de fixar em um local (disponibilidade de recursos, proteção, facilidade de deslocamento, trocas com outros grupos, etc.), mas eles são dependentes das orientações e interpretações

de como humanos se relacionam com essa área em termos simbólicos, conceituais e cosmográficos.

O ato de se estabelecer está para além da ação prática, uma vez que a cosmografia tem um peso substantivo de como e o porquê se deve ocupar lugares, que não são apenas eleitos por possibilitar a vida material, uma vez que devem possuir signos que possam ser lidos e interpretados como essenciais para a continuidade da vida (tangível e intangível), sendo esses sinais fundamentais para a estabilidade, coerência e constância da ordem, assegurando a manutenção do equilíbrio e do alinhamento entre os planos que compõem as relações sociais e cósmicas, vistas como um eixo central para o entendimento dessas ocupações (Moore 2004, Viveiros de Castro 2002; Arcuri 2009, 2011; Swenson 2015).

As estruturas arqueológicas observadas hoje dizem respeito ao entendimento do mundo de vários grupos humanos ao longo do tempo, desde a reocupação e ressignificação das já existentes até suas remodelações, regenerações ou mesmo a criação de novos lugares. Para a identificação desses processos no contexto de Ventarrón e como se estabeleceram frente às características fisiográficas locais, cinco temporadas de campo foram realizadas entre 2017 e 2019 de forma a identificar estas estruturas, mapeá-las e, por meio dos dados, discutir conceitos de paisagem e lugar (nossa base epistemológica), compreendidos como categorias importantes para nossas escolhas e interpretações.

Neste texto, a paisagem é entendida como uma construção, para além das características fisiográficas e visuais que as compõem. Ela é o resultado da ação humana em seu ambiente, seja na materialidade (que transforma o meio, que o artificializa, o ressignifica, o reajusta ao que é entendido como funcional, estético ou espiritual), ou na imaterialidade, onde a modificação não ocorrem apenas na forma em si, mas no entendimento do ambiente em seu *ethos*, como entidade provida de sentidos. A paisagem é uma expressão humana composta de múltiplas camadas de significados, relacionada às relações de poder e vinculadas às questões ideológicas, religiosas, sociais, econômicas, etc. Assim, ao se tratar da paisagem (enquanto conceito), entendemos que é um conjunto de lugares integrados, em que pessoas dão sentido à vida e interpretam a si mesmas, assim compreendendo, construindo e significando as coisas, o mundo (Cosgrove 1984; Zvelebil 1997; Fagundes 2014).

O objetivo deste artigo vincula-se à possibilidade de entender como as sociedades se apropriam da fisiografia, estabelecendo relações de diferentes níveis, de reciprocidade, nas inter-relações e negociações entre distintos seres – de acordo com seus ordenamentos sociais, políticos e econômicos –, esses associados às visões de mundo e, por meio deles, são estabelecidos lugares que se alinham nos planos material e imaginário, mesmo quando em assimetria, a partir de contextos históricos, ideológicos e identitários.

Nossa principal hipótese é que o Cerro Ventarrón, dadas as suas características geoambientais, acabou por agregar uma ocupação inicial que o tinha como uma montanha tutelar (*Apus*¹), relacionado ao sagrado, ao ideário e as concepções de mundo andinas, alinhando e orientando os diferentes planos, sendo um eixo (*axis mundi*) das diferentes

¹ Colinas ou montanhas, assunto que discutiremos adiante.

composições sociais que estruturavam e estruturam a vida (Alva e Alva Meneses 2012; Gil 2012; Lercier 2018). A partir daí, distintas ocupações foram se estabelecendo, reutilizando, reinterpretando lugares, o que foi definido como lugares persistentes (Schlanger 1992). Da união desses lugares tem-se a paisagem de Ventarrón, composta por distintos marcos sociogeográficos², estruturas arqueológicas, caminhos, planos (materiais e imateriais) e histórias que estabeleceram narrativas ainda presente nestas ocupações.

2. Características ambientais da área de estudo

A costa norte do Peru é uma das áreas com maior *stress* ambiental do planeta, sendo o deserto a característica marcante, espremido em uma estreita faixa entre a cordilheira e o oceano. A continuidade do deserto é alterada pela presença dos contrafortes da Cordilheira dos Andes que dão ao território uma ligeira inclinação para Leste a Oeste, isto é, da cadeia de montanhas em direção ao mar (INDECI, 2003). Em condições normais, as chuvas escassas condicionam o caráter semidesértico e desértico da franja costeira, o que define o clima como Desértico Subtropical árido, influenciado diretamente pela corrente fria de Humboldt, que atua como reguladora dos fenômenos meteorológicos da região (Narrea e Pérez 2013).

Cerro Ventarrón está localizado a aproximadamente 10 km a Leste/ Sudeste da cidade de Chiclayo e 5 km a Sudeste do distrito de Pomalca, coordenadas centrais 6°48'19.68"S/ 79°45'34.78"O³. Trata-se de um importante complexo arqueológico dos Andes Centrais, ocupado intensa e quase ininterruptamente a partir de 3000 anos a.C. (Alva e Alva Meneses 2012), construindo uma paisagem distinta do entorno, em que os marcos sociogeográficos e estruturas arqueológicas estabelecem uma narrativa de como os lugares foram sendo constituídos.

Além dos rios Reque e Chancay (e seus ramais), outro marco importante é a serra denominada Ventarrón, que ganha destaque na paisagem regional. Trata-se de um relevo residual com elevação máxima de 228 m acima do nível do mar (que se encontra a 22 km do oceano, na direção Leste), à margem direita do rio Reque, alongado no sentido Leste-Oeste, sendo o seu topo aplainado, dando a impressão de ser uma grande plataforma (Alva e Alva Meneses 2012). Ventarrón e seu entorno receberam sucessivas levadas de ocupação humana, ao longo de aproximadamente quarenta séculos até a invasão espanhola, sendo ainda hoje uma área povoada e um marco topofílico regional. As imagens de satélite ou mapas não fazem jus a sua grandeza local, dada sua importância – fisiográfica, cultural e histórica –, referenciais para o estabelecimento destes povos.

Cerro Ventarrón, nesse sentido, está para além de um marco fisiográfico nessa região do vale, mas tem ocupado um lugar de evidência na vida das pessoas que ocuparam (e ocupam) o seu entorno. Logo, concorda-se com o descrito

por Ignácio Alva Meneses (2008, p. 98), que Ventarrón apresenta características geoambientais e de implantação que puderam ser apropriadas pelas populações de acordo com seus universos simbólicos, relacionando as cosmologias e propiciando o estabelecimento de grupos humanos ao longo do tempo.

La ubicación del cerro Ventarrón, cerca al río, desde remotas épocas acceso a grandes concentraciones de recursos; aún antes de la arquitectura ceremonial, el cerro fue un eje referencial importante que indicaba tanto a nivel práctico como simbólico el centro del paisaje y la parte más estrecha del río; el portachuelo creado por la cercanía de los cerros Ventarrón y Reque permitió un paso natural para el tránsito longitudinal intervale norte-sur (Alva e Alva Meneses 2012: 15).

Acerca da geomorfologia regional, segundo López-Mesones (2013), dois domínios principais marcam a região de Lambayeque: relevos desnudados e relevos montanhosos. Os primeiros são marcados por planícies aluviais, depressões, dunas e barchans (dunas de aparência convexa que são produzidas pela ação do vento que atua predominantemente em uma direção). Essas áreas contam ainda com grandes reservatórios de águas subterrâneas, incluindo Cayaltí-San Nicolas e as planícies de Mocupe-Lagunas.

No domínio montanhoso, apresentam-se montanhas de altitudes variadas, sendo mais presente na região foco da pesquisa os cerros, ou colinas (ou lomo), de elevações medianas e com formas bastante erodidas, frequentemente com rochas expostas, como é o caso de Ventarrón e o do Reque. De acordo com Alva e Alva Meneses (2012), essa foi uma das características explorada pelos povos originários, em que o cisalhamento e fraturas geometrizadas das rochas expostas, além das diferentes tonalidades existentes, foram entendidos como parte do rol simbólico que incentivou as ocupações regionais.

A formação do relevo da região de Lambayeque está ligada aos ciclos de orogênese, desnudação e sedimentação, típica de um geossinclinal continental, ou seja, formação de grandes dobramentos, como os Andes, e os planaltos escalonados resultados das pulsações tectônicas durante esse processo de soerguimento. O grande gradiente topográfico dos Andes, somado ao degelo (posterior à glaciação Pleistocênica), gerou o aprofundamento dos vales por incisão vertical pelas drenagens. Hoje, planícies amplas e colmatadas por sedimentos de origem diversas, tanto aluviais, como eólicas – e também marinhos –, compõem a paisagem, como a planície do rio Reque e do rio Chancay. Os vales desses rios têm orientação Leste-Oeste e são endorreicos, pois seu escoamento se espalha nas planícies do deserto em direção ao norte raramente chegando ao mar, exceção diz respeito ao rio Reque, no vale de Lambayeque.

Grandes camadas de areia eólica estão presentes desde as planícies costeiras até as partes mais baixas do sopé dos Andes. Os sedimentos eólicos são depositados por gravidade e se apresentam sobre várias formas: dunas clássicas, corredores de dunas, cobertores de areia e colina, estabilizadas e encontradas do litoral para o interior em altitudes variáveis de 10, 30, 50, 100, até 150 metros, como pode ser observado Pampas de Reque (Figura 02) (Narrea e Pérez 2013).

2 Como marcos sociogeográficos entende-se a junção de características referenciais que dizem respeito à união da fisiografia e marcos artificiais (signos) e das relações étnicas que sociedades estabelecem (símbolos). Com isso não se pretende dissociar o caráter social da ciência geográfica, intrínseco à disciplina, mas destacar as inter-relações que humanos constituem com seu ambiente.

3 Como referência região central da Huaca Ventarrón.

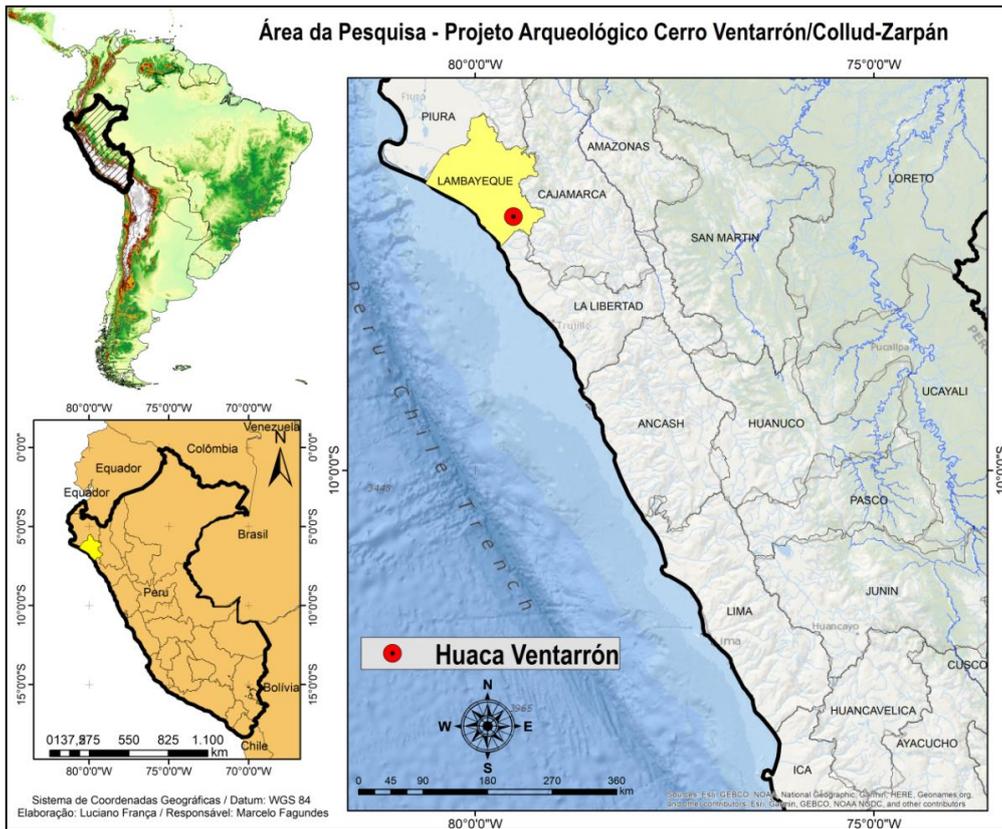


Figura 01: Mapa de localização da área de estudo.
Fonte: Geo GPS Perú <https://www.geogpsperu.com>

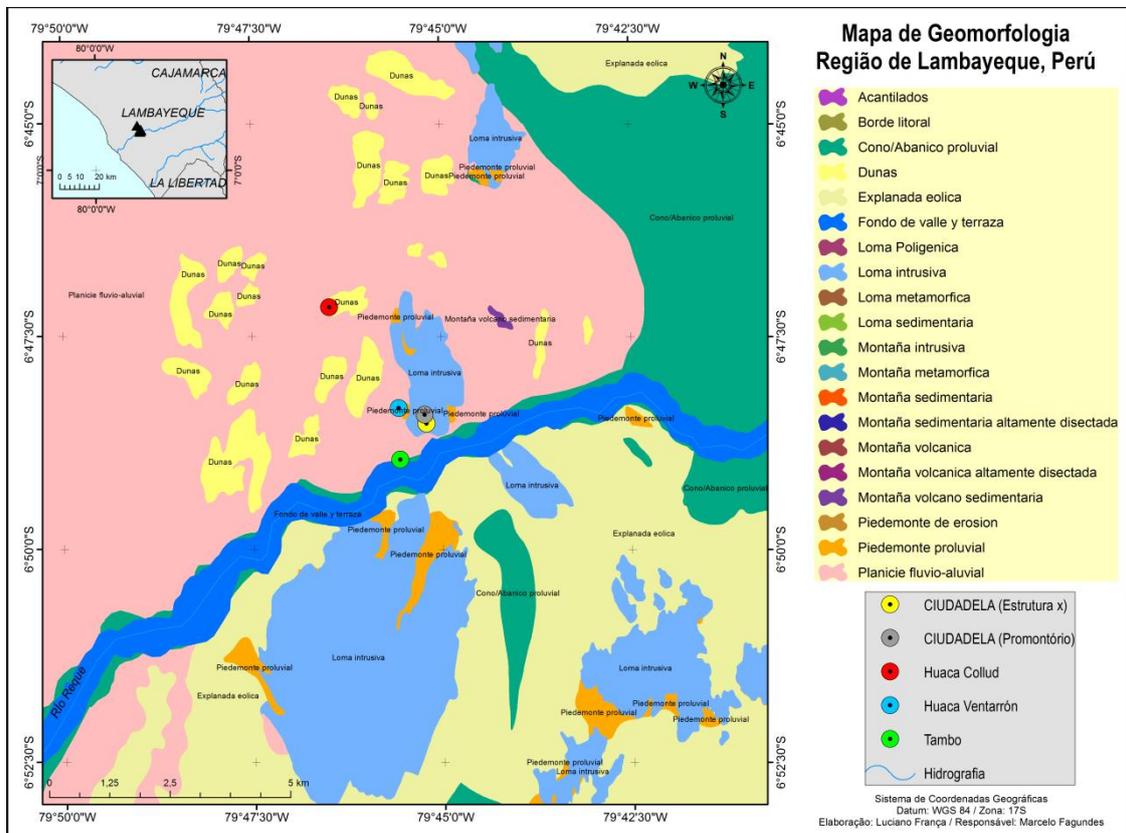


Figura 02: Mapa geomorfológico da região de Lambayeque, onde se observa a maior parte dos sítios na escosta de um cerro (lomo, ou colina), próximo ao rio Requena.
Fonte: Geo GPS Perú <https://www.geogpsperu.com>

3. Materiais e métodos

Inicialmente, para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma vasta revisão bibliográfica sobre os aspectos socioculturais e fisiográficos da região, entre eles a geologia, geomorfologia, climatologia e pedologia, visto tratar-se de uma área pouco investigada nesta perspectiva. Além disso, privilegiou-se a leitura do que se tem produzido acerca da Arqueologia e Etnografia Andina, buscando levantar elementos que cooperassem com nossa problemática no que tange as relações entre humanos e seus ambientes.

A partir dessa síntese foram levantadas informações cartográficas como apoio aos trabalhos de campo e para base de desenvolvimento dos mapas para o projeto.

Assim, para essa obtenção dos dados e análises da categoria de estudos foram realizadas cinco campanhas de campo distintas, de forma a mapear a localização e implantação das várias estruturas arqueológicas que circundam Cerro Ventarrón, com datas a partir do Formativo Inicial (por volta de 5000/ 4500 anos AP) até o momento da conquista, em 1532; além da caracterização geoambiental.

O objetivo era coletar a maior quantidade de dados possíveis no que tange as relações entre a fisiografia regional e o estabelecimento da arquitetura monumental, uma vez que se partiu do princípio que as características ambientais de Ventarrón, em perspectiva com as cosmologias andinas, impulsionaram o desenvolvimento da complexidade cultural local, baseando-se na ideia de que a área agregava características que a definiriam como um *axis mundi* no vale de Lambayeque.

No que diz respeito aos aspectos geoambientais e geoarqueológicos, trata-se de uma área muito pouco investigada, o que levou a equipe a organizar atividades durante os anos de 2017 e 2019, sendo executados trabalhos de campo para cumprimento do objetivo e, a partir do cruzamento do levantamento bibliográfico e cartográfico com as informações de campo, estabelecer um banco de dados focado na fisiografia geral da área (geologia, pedologia, geomorfologia, climatologia e hidrografia).

Deste modo, entre as atividades de campo realizadas, ocorreram:

(i) **Mapeamento geológico, geomorfológico e de solos** – por meio de caminhamentos sistemáticos foi possível caracterizar a fisiografia regional.

(ii) **Georreferenciamento geral para a produção cartográfica** – tanto da fisiografia quanto da arquitetura, a equipe dedicou-se a delimitar, com auxílio de GPS Garmin modelo Map 64sc., todas as feições naturais e artificiais do entorno de Ventarrón de forma a entender as relações que poderiam manter entre si;

(iii) **Mapeamento de delimitação das estruturas arqueológicas** – todas as estruturas de diferentes períodos foram devidamente mapeadas via GPS, além da realização de um intenso bando de dados fotográficos para análise e interpretação em laboratório.

Em laboratório, houve o processamento destes dados de forma a facilitar as leituras que pretendíamos realizar. Para a produção cartográfica foi utilizado *software ArcGis*, utilizando como fonte secundária os *shapefiles* disponíveis em GEO GPS PERÚ (<https://www.geogpsperu.com/>), que serviram como base para as confecções. No que diz respeito

às imagens, softwares como *CorelDraw* e do *Dstretch* (<http://www.dstretch.com/>) foram utilizados para melhoramento e, no caso da arte rupestre, realização de calque digital.

Com essas informações mapeadas, e com um intenso registro fotográfico, traçou-se uma rota para a compreensão de como os humanos se apropriaram de certos atributos naturais e os reproduziram na sua arquitetura, bem como no seu modo de vida. Um exemplo disto está nas cores, branca e vermelha, os muros externos do templo central da segunda etapa construtiva da Huaca⁴ Ventarrón, que apresentam o mesmo padrão do ambiente do seu entorno, com rochas granitóides de coloração avermelhada, devido ao óxido de ferro, e seu deserto com tonalidades que variam do branco ao pastel, e vermelho (Alva e Alva Meneses 2012).

Assim foi possível o estabelecimento de parâmetros para a ocupação da região, tais quais: relação com a serra e o deserto, proximidade com recursos hídricos, distribuição das estruturas relacionada à topografia regional, entre outros. Este banco de dados, e o material cartográfico gerado, poderá também subsidiar outros trabalhos ligados a este projeto, além de novas pesquisas.

4. Resultados e discussão

Diferentemente dos vales da costa norte mais ao Sul, que dependem do degelo para abastecimento dos canais de irrigação, o vale de Lambayeque (onde se situam os rios Reque e Chancay) perpassa por uma área desértica, mas que pode ser suprida de água doce durante todo o ano, decorrente da umidade e do regime de chuvas da região amazônica (Shimada 1994; Arcuri 2012). Como visto, graças ao desenvolvimento sociotecnológico e econômico, a região pôde suportar uma diversidade de ocupações humanas ao longo de muito tempo. Esses grupos se estabeleceram nestes vales em que a água perene tornou-se um recurso constante, na medida em que criaram amplos canais de irrigação, alguns entre vales distintos, de modo a garantir uma agricultura de larga-escala que, inclusive, ainda se faz presente na paisagem regional (Netherly 1984; Dillehay 2008).

O acesso às fontes de água, fundamentais à produção agrícola, e conseqüentemente seu controle, talvez seja a matriz de entendimento do estabelecimento de sociedades hierarquizadas e da própria complexidade social (Netherly 1994; Gose 1993; Shimada 1994), porém não aos moldes de nossa visão ocidental, mas por meio de particularidades do mundo andino, entrelaçadas entre questões ambientais e culturais.

Outra característica importante é a possibilidade de contato de maneira mais acessível entre a costa e a região amazônica que, de acordo com Alva e Alva Meneses (2012: 11), é justamente no vale de Lambayeque que há as altitudes mais baixas da cordilheira (cerca de 2200 m acima do nível do mar) e o espaço de menor distância entre a face Oeste e Leste (aproximadamente 60 km).

Além disso, um fator que acreditamos ser fundamental para o entendimento das relações entre esses grupos que

4 O termo *huaca* é utilizado na historiografia e arqueologia andinas para designar templos ou espaços sagrados, como a própria montanha. Registrado desde as crônicas indígenas e europeias dos séculos XVI e XVII, pode também significar o barro ou a matéria que compõe o vaso cerimonial (cerâmico) ou *huaco*.

ocuparam o vale e seus ambientes, se centra nas instabilidades climáticas, sobretudo representadas pelos *Niños*, uma vez que cooperaram sensivelmente tanto para o estabelecimento de técnicas que permitissem este desenvolvimento tecnológico-cultural, como também foram responsáveis pelos desequilíbrios sociais, políticos e econômicos (Bracamonte Lévano 2015).

Neste sentido, a região de Lambayeque abarcou características ímpares de desenvolvimento sociopolítico e econômico já desde o surgimento de uma arquitetura monumental, sendo que os primeiros vestígios dessas obras de engenharia já aparecem no terceiro milênio antes de Cristo, além da criação de outras obras públicas que envolveram um trabalho coletivo organizado, tais como criação de canais de irrigação e outras técnicas de manejo da água que possibilitaram uma agricultura altamente produtiva a ponto de sustentar grandes grupos (Netherly 1984; Shimada 1994; Dillehay 2008; Lumbreras 2008; Bracamonte Lévano 2015; Vega-Centeno 2017).

A base deste desenvolvimento tecnológico são as cosmologias destas sociedades, que dão sentido e reforçam o modo de ocupação dos lugares. Parte-se do pressuposto que a paisagem de Ventarrón está constituída por várias camadas de ocupação e significação, dando início ainda no Formativo Inicial, perpassando pelo Horizonte Tardio, já com a invasão espanhola em 1532, e tendo continuidade com as ocupações históricas até o presente, visto que populações atuais continuam ocupando e significando os lugares que constituem a paisagem regional (Kaulicke 2008, 2010).

O complexo arqueológico Cerro Ventarrón-Collud, antes da pesquisa arqueológica iniciada em 2007⁵, estava em total abandono, com muitas interferências dadas pela ação dos *huaqueiros*⁶ e impactado do ponto de vista da preservação das estruturas arquitetônicas. Certamente, a escolha pelas intervenções foi uma decisão acertada, não apenas pelos avanços científicos, mas, principalmente, no que diz respeito à gestão dos bens culturais, assim como da inserção das comunidades nestes processos de gerenciamento e ação colaborativa para valorização e proteção do patrimônio (Alva Meneses 2008; Alva e Alva Meneses 2012).

As atividades de campo resultaram em um mapeamento de 25 estruturas arqueológicas, entre escavadas e não escavadas, tendo início com o surgimento da arquitetura monumental por meio da construção da Huaca Ventarrón e do Complexo Arenal (FIGs 03 e 04).

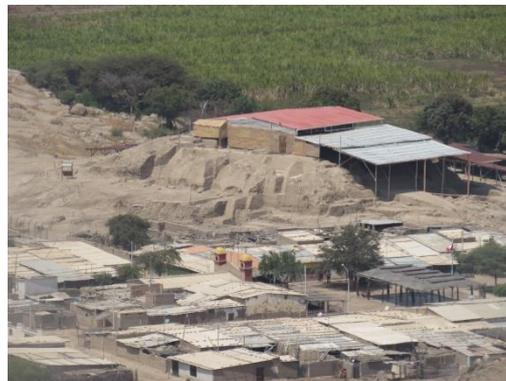


Figura 03: Destaque para Huaca Ventarrón.
Fonte: Fagundes/2017.



Figura 04. Visada Nordeste/Sudoeste do vale, com destaque para a Huaca Ventarrón. Ao fundo *cerro* Reque e vale do rio homônimo.
Fonte: Fagundes/2017.

Na sequência, com o surgimento do complexo Collud-Zarpán (FIGs 05 e 06), foram evidenciadas as estruturas associadas ao Formativo Temprano (3800 a 1900 anos AP.), já com o aparecimento da tecnologia cerâmica. Outras ocupações ocorreram ao longo de nossa Era, muitas revisitando as Huacas e estruturas já dispostas na paisagem, a exemplo de incursões Mochicas (Bracamonte Lévano, 2015), ação relacionada à ancestralidade, um dos baluartes do pensamento andino; até culminar nas estruturas do Horizonte Tardio (a partir no século XIII), associadas às ocupações Lambayeque, Chimú e Inca (FIGs 07 e 08).



Figura 05: Destaque para Huaca Collud.
Fonte: Fagundes/2018.

⁵ As escavações foram coordenadas pelo arqueólogo Ignacio Alva Meneses.

⁶ Trata-se de uma definição cunhada pelo Estado, e pela Arqueologia, referindo-se aos saques e comercialização de bens arqueológicos. Entretanto, também é uma prática que diz respeito a modos específicos de relação com o passado e a ancestralidade, já que um grande número de pessoas utilizam estas peças para proteção e outros usos rituais.



Figura 06: Zarpán, material em superfície (ossos humanos e cerâmicas de diferentes estilos).
Fonte: Fagundes (2018).

O que se pode perceber da análise das estruturas arqueológicas é que foram implantadas com base nas características fisiográficas da área, associadas à cosmografia (presença da serra; proximidade com o rio; cores e texturas das rochas – branca e vermelha, cisalhamento e geometrização; disponibilidade de água para plantio; visibilidade do vale para Oeste e Sudoeste, relações com equinócios e solstícios, etc.).



Figura 07. Estruturas em adobe, Estrutura B, Cidadela, Período Tardio, a partir do século XIII (Chimú-Inca).
Fonte: Fagundes (2019).



Figura 08. Recinto em adobe, Estrutura C, Cidadela, visada Norte-Sul, para o vale do rio Reque ao fundo. Observar também a presença do cerro Reque e da mata ciliar ao longo do curso do rio homônimo.
Fonte: Fagundes (2018).

A importância dos *Apus* (colinas e montanhas) nas cosmologias andinas é popularmente conhecida a partir das crônicas; essas atestam que marcaram fortemente a identidade ritual incaica. A “sacralidade” das montanhas e a

ocupação de seus pontos mais altos são características recorrentes das ocupações Incas, muitas vezes denominadas de *ushnus* (plataformas piramidais em pedra para fins cerimoniais e políticos). No Período Tardio de Ventarrón, o *ushnu* foi construído no topo do Cerro (FIG 09).



Figura 09. Topo do Cerro Ventarrón, visada Oeste-Leste, com destaque para várias estruturas e recintos em pedras do período Chimú-Inca (*ushnus*).
Fonte: Bueno (2018).

Para Lercier (2018), os *cerros* são entidade cosmogônicas dotadas de características humanizadas, dispostos de alteridade e apresentando múltiplas funções sociais e presentes na cosmografia andina. Ainda de acordo com Leoni (2005), há um vasto material documental acerca do culto da montanha para a sociedade incaica, contudo é possível creditar essa ritualização há tempos muito mais remotos, sem que se assumisse o desenho físico dos santuários de altura, uma vez que o culto teria assumido distintas formas em tempos mais remotos.

El importante papel de las montañas en la cosmología de las sociedades andinas está bien documentado etnográfica y etnohistóricamente. Las evidencias arqueológicas son también abundantes para el período incaico, sobre todo, en la forma de santuarios, sacrificios y ofrendas a gran altura. Asimismo, se asume generalmente que la veneración de montañas forma parte de un núcleo de creencias religiosas y concepciones cosmológicas tradicionales de las sociedades andinas que tendría sus raíces en tiempos muy anteriores a los incas. Sin embargo, no parece que los santuarios de altura similares a los de los incas hayan sido muy comunes, indicando que el culto de las montañas tenía aspectos distintos en épocas más tempranas (Leoni 2005, p. 151).

Como indicado por Alva e Alva Meneses (2012), o Cerro Ventarrón ocupou um papel de montanha tutelar, um marco sociogeográfico fundamental no estabelecimento dos lugares de ocupação e constituição da paisagem regional. Assim sendo, a serra (sua morfologia, texturas e cores), enquanto marco sociogeográfico, é o ponto de partida de sacralização da área pelas primeiras sociedades ainda no Formativo Inicial.

A arquitetura monumental, nesta prerrogativa, surge como um discurso ideológico a partir de reverências ao culto da montanha e da água, acerca da centralidade do espaço sagrado, permitindo que lugares fossem estabelecidos e compondo uma paisagem que pudesse ser tomada tanto em termos físicos como simbólicos, orientando as pessoas no que diz respeito às noções de tempo e espaço e das próprias inter-relações entre os

diferentes seres, de acordo com os vários mundos que constituem o *cosmo*.

Logo, (i) o direcionamento Norte-Sul da serra, com o nascer do sol a Leste, bem como a observação privilegiada do poente nos equinócios e solstícios⁷, (ii) o correr de Leste-Oeste da água do rio Reque (o mesmo movimento que o sol), passando pela face sul da serra e fertilizando o vale, (iii) o afloramento rochoso, também de orientação Norte-Sul, que serviu de alicerce físico e conceitual para a construção da Huaca, (iv) o formato em anfiteatro da face Oeste da serra, local de implantação dos edifícios do Arenal, construções que, sob nosso ponto de análise, foram feitas para serem vistas na amplitude do vale a partir da serra em direção ao oceano e, como dito, locais propícios às celebrações e rituais associados aos solstícios e equinócios, (v) a localização da serra em meio caminho entre a cordilheira e o oceano, (vi) as tonalidades de branco/pastel a vermelho do entorno, cores materializadas nos remanescentes culturais.

Todas essas características, em conjunto, permitem Ventarrón seja entendido como o *axis mundi*, o lugar propício para o culto e ritualização, o ponto de interlocução entre os diferentes planos que compõem o *Pacha*, o mundo e a vida (tangíveis e não tangíveis). Tratam-se lugares sagrados que permitem a comunicação entre o mundo ordinário/ materializado (onde se vive, *Kay Pacha*) e os mundos extraordinários, habitados pelos deuses e ancestrais (*Hanan* e *Hurin*). As estruturas arqueológicas sintetizam esses mundos e viabilizam a comunicação entre eles.

Portanto, a escolha de implantação não foi aleatória, a arquitetura surge de um processo meticuloso de reconhecimento de signos (fisiográficos), em uma área que podemos defini-la como repleta de marcos sociogeográficos. Essa *artificialização* é uma síntese de ideias e percepções que transmitem mensagens aos grupos sociais que ocuparam (e ocupam) o vale, de entendimento do mundo (e seus planos) e um modo de articular alianças (políticas e econômicas) e de garantia de continuidade do modo de vida – reciprocidade, equilíbrio, alinhamento e ordenamento, palavras-chave do pensamento andino.

Há um poder unificador na arquitetura sagrada (Alva e Alva Meneses 2012). Além disso, cremos que por meio dos rituais, a arquitetura (que é uma projeção do próprio *Apus*), deixa compreensíveis as relações, como meio de controle do ambiente (nas dádivas e adversidades), transformando-o em paisagem.

Justamente por isso, acreditamos que Cerro Ventarrón nasce como um centro cerimonial, um local de atração para grupos humanos do vale, tendo como característica principal as fisiográficas regionais que atuaram como uma síntese da cosmovisão (Makowski 2006; Alva Meneses 2008).

Portanto, Ventarrón possibilita a compreensão de como foram estabelecidas as ocupações humanas em uma sequência ocupacional ao longo de cinco milênios, apresenta uma grande importância não apenas do ponto de vista das descobertas recentes dos projetos de investigação vigentes na região, apresentando todas as etapas e principais culturas do quadro cronológico regional, o que reforça a

importância do lugar em época pré-hispânica (Alva e Alva Meneses 2012; Vega-Centeno 2017).

5. Considerações Finais

Ao fim desta etapa de pesquisa, entendemos Cerro Ventarrón como um lugar que, dadas suas dimensões fisiográficas, aliadas às cosmologias andinas, foi utilizado como espaço destinado ao encontro, atraindo a peregrinação de diferentes grupos do vale de Lambayeque para execução de rituais, festividades e mesmo reuniões que garantiriam a perpetuação da memória/ ancestralidade comum e de alianças (Makowski 2006; Arcuri 2012; Vega-Centeno 2017). Na letra de Vega-Centeno⁸ (2017: 110):

Esta revisión puede incluir ahora a la región de Lambayeque, a partir de los trabajos en el sitio Ventarrón (...) Diversos elementos, como el uso de contrafuertes para los muros de contención o pintura mural compleja, evidencian una tradición cultural diferenciada de aquellas de más al sur.

Logo, são os aspectos geoambientais que impulsionaram as primeiras ocupações. Signos foram observados nesta fisiografia e interpretados como o eixo fundamental para a integração e para as relações de reciprocidade descrita nas cosmologias andinas. A partir desta leitura geográfica que se origina a arquitetura monumental enquanto projeção e síntese dos diferentes planos que estruturam a vida de acordo com as noções ontológicas.

Segundo Gil García (2012), a fisiografia deixa de ser apenas um entorno físico quando habitado por humanos, sendo convertido em paisagem, em um processo de *culturalização* do espaço geográfico, significando suas características e, em alguns casos, antropomorfizando, ou seja, dando-lhe atributos humanos, como a exemplo dos *cerros* (colinas e montanhas), que tutelam e orientam a vida social e ritual.

Alva e Alva Meneses (2012: 19-20), nesta linha de pensamento, identificaram uma série de atributos em Ventarrón que poderiam ter direcionado as interpretações do *cosmos*, além da própria evolução dos aspectos arquitetônicos que deve estar relacionada à noção de tempo-espaço e seu paralelo com calendários astronômicos, alinhamento e ordenamento da vida social em torno destas percepções, etc. Para os citados autores, a arquitetura é uma interpretação e expressão cosmológica, que permite essa *culturalização* do meio, tanto em seus aspectos físicos (tangíveis) quanto das percepções simbólicas em seu entorno (intangíveis).

Os rituais, as celebrações e a própria evolução da arquitetura da *Huaca* são sinais de movimentos importantes para a organização social, política e econômica do vale e, ademais, em um movimento que indica um esforço de integração dos planos (*Pacha*) “(...) da sociedade com as leis que regem o cosmos” (Alva e Alva Meneses 2012: 19).

Somado a essas prerrogativas, acreditamos que é a partir dessa apreensão/ produção do meio, são estabelecidos os repertórios culturais (arquitetura, obras de engenharia, etc.), deixados ao fim de cada ocupação. Como estruturas fixas na

⁷ Essa possibilidade necessita ser mais bem avaliada e é uma das metas da pesquisa para os próximos anos.

⁸ Para revisão acerca dos vários assentamentos do Arcaico Tardio na costa norte peruana (que aqui estamos denominando de Formativo Inicial), indica-se a leitura de Vega-Centeno (2017).

paisagem, eles acabam por desempenhar um papel importante nas motivações para os novos estabelecimentos, estando associados ao culto à ancestralidade, em um processo de resiliência e ressignificação, mas ainda tendo os marcos sociogeográficos como referências substantivas de integração social e cósmica, que garante a reprodução da vida a partir das cosmografias rituais, também entendidas como materializações que (re) ativam o tempo/espaço cósmico primordial, gerador da vida (Arcuri 2019)

Essas ações dão origem aos lugares persistentes (Schlanger 1992), referenciais paisagísticos (sejam fisiográficos ou culturais) que foram sendo apropriados, de geração a geração, atualizando o tempo e o espaço da ancestralidade. São processos em que nascimento, morte e renascimento articulam-se no plano vivente de forma a garantir o ordenamento e alinhamento dos mundos que se integram, permitindo, assim, a reprodução, colaboração, reciprocidade e intercâmbio, baluartes do pensamento social nos Andes até os dias de hoje (Arcuri 2012; Gil García 2012; Lercier 2018).

Essas características justificam a hipótese de que Ventarrón assumiu caráter de centro de peregrinação, de comunhão entre diferentes clãs, famílias ou grupos que, durante o Formativo Inicial (um momento de desenvolvimento dos processos de complexidade nos Andes Centrais), acabaram por ampliar um sistema singular de interações sócio-políticas e culturais, revelando formas diferenciadas de articulação entre pessoas e o ambiente, e de pessoas em relação a outras pessoas.

Esta congregação, que nasce a partir de ações e percepções endêmicas, permitiu a organização do trabalho social (envolto a toda essa ritualidade, nestes processos de trocas e alianças), incentivando o surgimento precoce da arquitetura monumental (e sua complexidade posterior), diretamente relacionada aos marcos sociogeográficos e, deste modo, reativando os preceitos fundamentais das cosmologias andinas, comprovado pelos vários indicadores da presença das dualidades complementárias, seja no desenho arquitetônico, seja na iconografia que cobre as paredes da *Huaca* Ventarrón.

As particularidades em Ventarrón (Alva e Alva Meneses 2012; Arcuri 2012; Bracamonte Lévano 2015; Vega-Centeno 2017) indicam essa passagem para a integração das comunidades do vale de Lambayeque por meio da eleição de marcos sociogeográficos e cosmologias, de ação de síntese e transmissão de mensagens que pudessem agregar, compartilhar e estabelecer relações de longa duração entre esses vários grupos que deveriam ocupar o vale que, por si só, carrega particularidades geoambientais para a manutenção da vida física e espiritual.

Em suma, as ações que favoreceram esse estabelecimento são de ordem prática e conceitual. São atuações conjuntas singulares da região de Lambayeque, alicerçadas na colaboração e intercâmbio e, como tal, só têm sentido quando vistas integradas. Ventarrón traz em suas características, observadas ainda hoje, essa síntese do pensamento andino acerca dos vários planos que compõem a vida.

6. Agradecimentos

Ao Museo Tumbas Reales de SÍpan, Lambayeque, Peru, pelo apoio constante à pesquisa. Ao arqueólogo Ignácio Alva Meneses pela grande generosidade em compartilhar e acolher a equipe brasileira durante anos. Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFMG. Ao CNPq, FAPEMIG e FUNDAEPE (Diamantina) pelo apoio à pesquisa.

7. Referências

Alva Meneses I. 2008. Los Complejos de Cerro Ventarrón y Collud-Zarpán: del Prececerámico al Formativo en el Valle de Lambayeque. *Boletín de Arqueología PUCP*, 12: 97-117. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/877>

Alva W, Alva MI. Capítulo 1 Generalidades. In: Alva MENESES I. (Org.). 2012. Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú. 1ed. Lambayeque: Unidad Ejecutora 105 Naylamp-Lambayeque.

Arcuri MM. 2009. O Tahuantinsuyu e o poder das huacas nas relações centro x periferia de Cusco. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Suplemento 8*, pp. 37-51.

Arcuri MM. 2011. El Occidente no vio el Sol nocturno: el papel de la dualidad complementaria de las fuerzas cósmicas en la organización política de las jefaturas amerindias. In: Berenice Alcántara Rojas y Federico Navarrete Linares. (Org.). *Los pueblos amerindios: más allá del Estado*. 1aed. México: Universidad Nacional Autónoma de México/IIH Série Antropológica 20 (1): 1-201.

Arcuri MM. 2012. Paisaje y monumentalidad en Ventarrón: nuevos aportes al debate acerca del origen del “Estado” en el Período Inicial Inicial Andino. In: ALVA MENESES, Ignácio (Org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. 1ed. Lambayeque: Unidad Ejecutora 105 Naylamp-Lambayeque.

Arcuri MM. 2019. Cosmografias ameríndias: a arte e o ‘ato de animar’/ Amerindian cosmographies: art and the “act of animation”. IN: Sanja, S (eds). *Culturas visuais indígenas y las prácticas estéticas en las Américas desde la antigüedad hasta el presente. Indigenous visual cultures and aesthetic practices in the Americas, past and present*. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut/ Estudios Indiana 13, pp. 217-239.

Bracamonte Lévano, E. 2015. *Huaca Santa Rosa de Pucalá – y la organización territorial del valle de Lambayeque*. Lima: Ministério de Cultura del Perú.

Canziani, J. 2009. *Cuidad y territorio en los Andes: contribuciones a la história del urbanismo prehispánico*. Fondo Editorial, Pontificia Universidad Católica del Perú.

- Cosgrove D. 1984. *Social formation and symbolic landscape*. London: Croom Helm.
- Depaz Toledo Z. 2015. *La cosmo-visión andina en el Manuscrito de Huarochirí*. Lima: Vicio Perpectuo, 2015.
- Dillehay TD. 2008. Sociedades, sectores y sitios formativos en los valles de Zaña y Jequetepeque, costa norte del Perú. *Boletín de Arqueología PUCP* 12: 119-139. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/882>
- Dillehay TD, Rossen JPTC, Williams DE. 2007. Pre-ceramic Adoption of Peanuts, Squash, and Cotton in Northern Perú. *Science*, **316** (5833): 1890-1893. [online] URL: <https://doi.org/10.1126/1141395>
- Fagundes M. 2014. *Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas*. Tarairiú, Campina Grande-PB. 01 (07), p. 32-54. [online] URL: <http://revistatarairiu.blogspot.com/2014/03/natureza-e-cultura-estudo-teorico-sobre.html>
- Fux. 2015. El concepto de “sociedad compleja” en la arqueología del nuevo mundo. Fux, P (eds). Chavín. *Museu de Arte de Lima, MALI*.
- Gil García, FM. 2012. La comunión de los cerros. ritualidad y ordenamiento simbólico del paisaje en una comunidad del altiplano sur andino. *Diálogo Andino*, 39: 39-55. [online] URL: <https://www.redalyc.org/pdf/3713/371336249005.pdf>
- Golte J. 1987. *La racionalidad de la organización andina*. Colección Mínima; 9. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.
- Golte J. 2009. *Moche. Cosmología y Sociedad: Una Interpretación Iconográfica*. Lima, Instituto de Estudios Peruanos.
- Gose P. 1993. *Segmentary State Formation and the Ritual Control of Water Under the Incas*. *Society for Comparative Study of Society and History*, pp. 480-514.
- Instituto Nacional De Defensa Civil (INDECI). 2003. *Mapa de peligros de la ciudad de Lambayeque, Proyecto Indeci – pnud per/02/051, Ciudades sostenibles, Peru: 147 p.*
- Kaulicke P. 2010. *Las Cronologías del Formativo – 50 años de investigaciones japonesas en perspectiva*. Lima, Fondo Editoria.
- Kaulicke P. 2008. Espacio y tiempo en el Periodo Formativo: algunas reflexiones finales. *Boletín de Arqueología PUCP* 13, pp. 373-387. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1028>
- Leoni JB. 2005. La Veneración de Montañas en los Andes Preincaicos: El Caso de Ñawinpukyo (Ayacucho, Perú) en el Período Intermedio Temprano. *Chungara, Revista de Antropología Chilena*, 37 (02): 151-164. [online] URL: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-73562005000200005>
- Lercier, M. 2018. ¿Solita Caminas al Cerro?: la relación entre la personalidad de los cerros y la movilidad en el espacio en los andes peruanos. *Ethnológica*, 02: 81-88.
- López Austin, A. 2013. Sobre el concepto de cosmovisión. [online] URL: http://www.iiia.unam.mx/images/difusion/Taller_Signos_de_Mesoamerica/lecturas/Cosmovisi%C3%B3n.pdf
- López-Mesones M. 2013. *Geomorfología y Geología Histórica de Lambayeque*. [online] URL: http://www.academia.edu/14393809/Geomorfolog%C3%ADa_de_Lambayeque. Acceso em: fevereiro de 2019.
- Lumbreras LG. 2008. *Las orígenes de la sociedad andina*. IN: *Compendio de historia económica del Perú I: Economía prehispánica*. Lima: IEP, *Série História Económica*, Tomo I, pp. 23-133.
- Makowski K. 2006. *La Arquitectura Pública del Periodo Pre-cerámico Tardío y el Reto Conceptual del Urbanismo Andino*. *Boletín de Arqueología PUCP*, 10, pp. 167-199. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1652>
- Moore JD. 2004. *The Social Basis of Sacred Spaces in the Prehispanic Andes: Ritual Landscapes of the Dead in Chimú and Inka Societies*. *Journal of Archaeological Method and Theory* 11 (01): 83-124. [online] URL: <https://doi.org/10.1023/B:JARM.0000014348.86882.50>
- Moseley M E. 2001. *The Incas and their ancestors: The archaeology of Peru*. 2d ed. New York: Thames and Hudson.
- Murra JV .1975. *El control vertical de un máximo de pisos ecológicos en la economía de las sociedades andinas*. In: Murra JV (ed) *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*. Instituto de Estudios Peruanos. Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, pp 59–115.
- Narrea AC, Pérez CA. (Coord.). 2013. *Estudio geológico del departamento de Lambayeque, Governo Regional de Lambayeque. Ordenamiento Territorial para El Desarrollo Sostenible*. Peru, 62 p. [online] URL: http://ot.regionlambayeque.gob.pe/upload/pdf/archivo_54ee33bf9a413.pdf
- Netherly P. 1984. *The Management of Late Andean Irrigation Systems on the North Coast of Peru*. *American Antiquity*, **49**(02): 227-254. [online] URL: <https://doi.org/10.2307/280017>
- Shimada I. 1994. *Pampa Grande and the Mochica Culture*. Austin: University of Texas Press, 393p.
- Schlanger, S. 1992. *Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems*. IN: *Rosignol, Wandsnider. Space, times, and archaeological landscapes*. New York/London, Plenum Press, pp. 91-112.

Swenson E. 2015. The archaeology of ritual. *Annual Review Anthropology* 13(01): 239-385. [online] URL: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-013838>

Vega-Centeno RSL. 2006. El Estudio de la Complejidad Social en el periodo Arcaico Tardío de la Costa Norcentral Del Perú. *Boletín de Arqueología PUCP*, 10 (1): 37-58. Disponible en <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1641>

Vega-Centeno RSL. 2017. El período Arcaico Tardío en perspectiva regional. Nuevos aportes. In: Vega-Centeno RSF (eds.) *Repensar el Perú antiguo – aportes desde la*

arqueología. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/ Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 87-122.

Viveiros de Castro E. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: E. Viveiros de Castro. *A Inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify: 345-399.

Zvelebil M. 1997. Hunter-gatherer ritual landscapes: spatial organization, social structure and ideology among hunter gatherers of northern Europe and western Siberia. *Analecta Praehistorica Leidensia*, 29: 33-50.

The Archaeological Structures in Cerro Ventarrón - sociogeographic landmarks, places and landscape during the Initial Formative, Lambayeque, Peru

Marcelo Fagundes*

Marcia M. Arcuri Suñer**

Bernardo Machado Gontijo***

Alessandra M. Carvalho Vasconcelos****

Flávia Brasil Baessa Bueno*****

Luís Fernando Rangel de Oliveira Mafra*****

Abstract The Peruvian North Coast is one of the regions responsible for the emergence of monumental architecture in the South American continent, with a prominent remote socio-cultural and economic development in the third millennium of the pre-Christian era. In addition, very early, groups that occupied this region were responsible for major engineering works (such as irrigation by canals), enabling the vertiginous growth of agriculture capable of supporting large populations and, consequently, the emergence of technological complexity linked to production of textile, ceramics and metallurgy. All of this development is directly related to cosmologies, which not only justify but structure life in the Central Andes for millennia. This paper aims to present archaeological structures in Cerro Ventarrón, in the Lambayeque Valley, and how the study of physiographic characteristics, associated with the concepts of place and landscape, has helped to understand the way of life of the various groups that occupied the area over 5,000 years. For this, several field works were carried out in order to map, understand the implantation system and the cosmographic links of these archaeological structures, according to Andean thought. As a result, it was observed that the implementation of these structures is linked to regional sociogeographic frameworks, but associated with the common forms of thought and social organization shared by different societies of the Andean world.

Key Words: sociogeographical marks, landscape and places, initial formative, Cerro Ventarrón, Central Andes.

Informações sobre os autores

Marcelo Fagundes

E-mail: marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8995380304167773>

Márcia M Arcuri Suñer

E-mail: marcia.arcuri@gmail.com

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/5731128385940440>

Bernardo Machado Gontijo

E-mail: gontijobm@yahoo.com.br

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0882015654292509>

Alessandra M. Carvalho Vasconcelos

E-mail: alessandra.carvalho@ict.ufvjm.edu.br

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0866233506189933>

Flávia Brasil Baessa Bueno

E-mail: flabaessa@gmail.com

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2871522404331336>

Luís Fernando Rangel de Oliveira Mafra

E-mail: luf13592@hotmail.com

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2958972808486749>